

De renegados a estimados: “Os Terríveis do 4° B” se aventurando nas manobras de *skate, breakdance e parkour*

Raquel Aline Pereira de Souza

A cotovelada

*Que pra nós dois
Sair de casa já é se aventurar.*
(Último Romance, Los Hermanos)

Há quem diga que se aventurar é ir ao deserto do Atacama; algumas pessoas pensam que é subir o monte Everest; outras já afirmam que é percorrer algum caminho desconhecido por um parque da cidade, por exemplo. Para outros, como na canção de Los Hermanos, só sair de casa já representa uma aventura. Para mim, a maior aventura da vida, até agora, foi iniciar a carreira docente na rede municipal de ensino de São Paulo. E vou contar um pouquinho de como foi/está sendo essa experiência.

Depois de quase 24 meses aguardando ser convocada no concurso em que fui aprovada, cheguei na escola 2 dias após o prô Gustavo, isso significou que assumiu um bloco de aulas e eu fiquei disponível para substituir professoras/es em caso de sua ausência, posição que na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME-SP) recebe a alcunha de Módulo. Assim que nos encontramos, decidimos atuar em dupla, eu o acompanharia em suas aulas. A primeira turma, o 4° ano B, proporcionou uma cena que me fez olhar pro Gu e pensar: “vai ser longo e tenso esse rolê, mas bora que *vamo*”. A tal cena? Uma criança dando uma cotovelada em sua colega.

Relatamos o ocorrido na sala das/os professoras/es e não houve uma pessoa presente na escola por mais tempo que não dissesse algo do tipo: “tinha que ser o 4° B”; “eles são péssimos”; “não querem nada com nada”; “difícil demais”; “aula com eles é sempre um caos”; “nossa! Vocês pegaram o 4°B? Boa sorte, então!”. Com tantas falas desanimadoras, não foi difícil entendê-la como uma turma saturada de estereótipos.

Aprendendo a remar na Chiquinha

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Chiquinha Rodrigues, cenário de nossas aventuras, atende crianças do 1° ao 9° anos. Embora situada no bairro Campo Belo, considerado um bairro central de classe social abastada, uma parte considerável das crianças

atendidas está em contexto de vulnerabilidade social. Mal avaliada pela SME-SP no ano anterior, em 2024 se encontra no quadro de unidades educacionais demandando atenção prioritária. A escola está em processo de reinvenção, empenhada num trabalho vigoroso de planejamento, bem como de fortalecimento do corpo docente, do senso de coletividade e responsabilidade, de produção da identidade da unidade. Sendo permeada por desafios diários e imprevisíveis, impulsionados por um corpo discente violento, vulnerável socialmente e carente afetivamente.

A escola aderiu ao Programa São Paulo Integral (SPI) e nesse contexto submeti uma proposta de trabalho intitulada *Skate e Parkour: uma aventura na EMEF Chiquinha Rodrigues*, com a prerrogativa de compor atividades para a ampliação de carga horária prevista no programa, sob a justificativa de garantir a valorização da identidade e autonomia dos estudantes e fortalecimento das relações de convivência de maneira a minimizar as relações de conflitos corriqueiros naquele contexto.

Uma loucura! Gritos de repressão. “Parem de subir aí”; “Fulano, você não está na sua casa!”; “Para de bater nele agora”; “Sobe para a sua sala”. Movimento de crianças na sala de espera para a coordenação. Crianças chorando, outras fugindo da sala, outras correndo dos adultos. Caos! Lembro de olhar pra tudo aquilo e pensar, recorrendo ao gesto de impulsão do Skate: preciso aprender a remar aqui na Chiquinha. Respiração profunda como quem diz “se acalme e vá” e lá vamos nós para a primeira aula.

A essas alturas já estávamos em maio, várias conversas sobre a cotovelada e outros casos de violência, já tinham ocorrido. O skate já havia sido iniciado na turma, chegamos a ele por meio de uma conversa nas aulas regulares, tendo como pano de fundo quais os esportes presentes nos Jogos Olímpicos de Paris que as crianças conheciam. Por que não aproveitar o maior evento esportivo mundial para escolher o que tematizar? O skate aparece em uma das falas e logo em seguida descobrimos três skates disponíveis na escola. Logo de início fizemos alguns combinados. Diante das cenas diárias de violência física, o receio de o *shape* virar um objeto de agressão era imenso, no entanto, a primeira fala da turma foi: “prô, tem que lembrar que não é pra usar o skate pra bater, se usar a gente sobe pra sala”. Sugestão de combinado acatada.

Uma das primeiras atividades propostas foi uma roda de violão com o professor Gabriel, de língua portuguesa. A intenção era relatar um pouco do meu contato com o skate, na minha adolescência, como eu não podia dar rolês sem olhares de repulsa e desaprovação, me aproximei da galera, compondo a roda de violão, onde tocávamos Legião, CBJ, Skank, O Rappa, entre outras bandas de pop rock brasileiro. Em conversa com o Gabriel, na sala das

professoras, combinamos de levar dois violões para a sala. A cena causou estranhamento e expliquei a relação do skate com o violão. Quando relatei a repreensão sofrida por ser uma mulher e, portanto, não poder andar de skate, as crianças se rebelaram com gritos de “Injustiça” “Isso é machismo” “Isso não pode, prô” “Nada a ver isso, daí, eu sou menina e ando de skate”.



Na quadra, as crianças se organizaram em filas sem sugestão prévia. Algumas, com experiência, se postaram nas primeiras posições para serem as primeiras a andar de skate. E, para a minha surpresa, assim que terminaram, resolveram ajudar as demais com mais dificuldade a se equilibrar e remar de um lado para o outro da quadra. A proposta destoava do que a comunidade estava acostumada. Não tardou para recebermos a colaboração de colegas que, analogamente, me ajudaram a equilibrar e remar na Chiquinha.



Olha o que eu sei fazer, prô.



E surgem as primeiras manobras!

A identidade coletiva do 4º B

A professora Marina, regente da turma, estabeleceu com as crianças assembleias semanais para tratar de diversos assuntos ocorridos com e no grupo. Simultaneamente, as mediações feitas pelo professor Pedro conferiram sentido ao diálogo e, conseqüentemente, à produção de uma identidade de um coletivo dialógico. Tudo isso favoreceu a diminuição dos conflitos, assim, as aulas seguiam um curso mais agradável. Obviamente, esse resultado não é linear, então deram-se dias de caos e dias de paz ou, como a prô Marina costuma dizer, “dias de luta” e “dias de glória”.

A tematização do skate despertou a curiosidade de todas as crianças da escola. Elas me abordavam de tempos em tempos para perguntar se também teriam essa prática. Em paralelo, as crianças do 4º B se viram em uma nova posição, a de serem vistos com outros olhares, os habituais de repulsa começaram a ser substituídos pelos de admiração e ciúme.

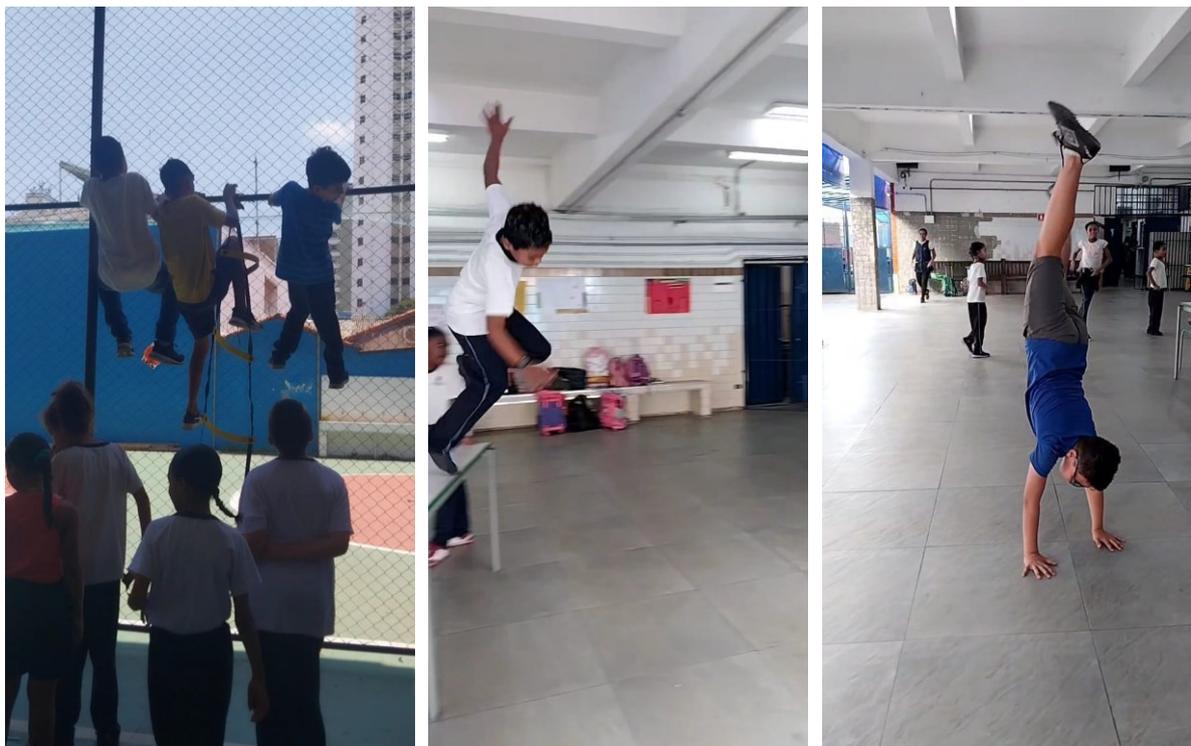
Esses acontecimentos parecem ter dado às crianças uma espécie de força para se afirmarem como as potências que são e, aos poucos, percebi uma mudança em seus comportamentos. Aquelas mais receosas ou que quase não se pronunciavam, começaram a se

posicionar e arriscar algumas manobras ou a responder perguntas como: qual o nome daquela menina que tá na olimpíada? Por que as mulheres não podiam andar de skate? Frases como “isso é injustiça!”, quando acessaram informações sobre desigualdade de gênero e “eita pleura, olha lá o que a mina sabe fazer!”, foram moldando a tematização. Com as inquietudes do grupo, pesquisamos algumas manobras, a história do skate, as modalidades olímpicas. Os resultados foram registrados em cartazes, fotografias e vídeos. Também surgiram várias formas de se locomover no skate: sentados, deitados, em duplas, em trios, com alguém empurrando ou puxando com a corda, com o colchão por cima, correndo e tentando subir no skate em movimento até que quebraram. E foi assim que seguimos para o *parkour*.

Quem não tem skate se aventura com alambrado

O que me motivou a tematizar o *parkour* foi o fato de as crianças não pararem de subir no alambrado que cerca a quadra, bem como no banco, nos armários da sala e dos materiais de Educação Física. Além disso, o *parkour* é uma das práticas corporais sugeridas pelo Currículo da Cidade, documento oficial da rede de ensino municipal de São Paulo. Com a quebra dos skates, restando apenas um para ser compartilhado com a escola inteira, demos o início ao trabalho com o *parkour*.

Na escola há muito mobiliário a ser descartado: arquivos de metal, mesas grandes retangulares e circulares, e cadeiras foram transformadas em obstáculos nos circuitos montados inicialmente por mim. Não tardou para que a correria, os pulos e os desvios gerassem espanto e incômodo, acarretando em denúncias à gestão, por parte de funcionárias da escola que, por desconhecimento, alegaram que eu estava colocando as crianças em risco. Por sorte, o coordenador pedagógico da unidade conhece o Currículo da Cidade de Educação Física no qual temos que basear nossas práticas pedagógicas, o que o levou a defender que a tematização seguisse seu curso.



Diante dessas denúncias, conversas sobre não subir nas grades, nos armários e nos alambrados, eram corriqueiramente realizadas com a finalidade de proteger as crianças, bem como assegurar a tematização. No entanto, não foi bem isso que aconteceu e portanto precisamos paralisar a tematização e promover rodas de conversa com o objetivo de expor os riscos que as crianças estariam expostas ao se aventurarem sem a mediação de uma pessoa adulta.

Em julho, fizemos uma saída pedagógica para o circuito kids, evento realizado pela Diretoria dos Centros Educacionais Unificados da SME-SP, com vistas a propiciar às/aos estudantes o contato com diversas modalidades esportivas presentes nos Jogos Olímpicos e foi assim que o 4ºB teve acesso ao *breakdance*.

Antes do recesso, no último dia de aula, poucas estudantes compareceram à escola, ademais o prédio estava em reforma e o programado para esse dia era a troca de pisos das salas de aula. Dessa forma, o corpo docente se viu na necessidade de propor atividades no pátio e em conjunto. Montei um circuito de *parkour* para todas as crianças presentes na escola. Mais uma rodada de críticas e denúncias.

A roda

Ao retornarmos do recesso, conversamos sobre a interrupção do *parkour* e elegemos o *breakdance* como prática corporal a ser tematizada. Decidimos, coletivamente, que o *breakdance* tinha relação com o skate e o *parkour*, por também ter surgido nas ruas.

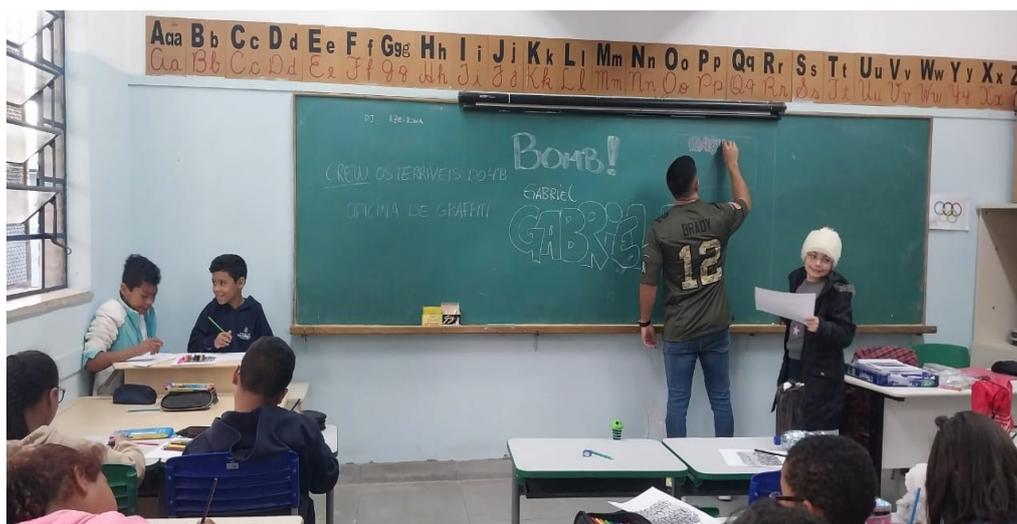
Pesquisamos juntos, no computador da sala, a origem do *breakdance* e sua relação com o hip hop. Descobrimos a existência de personagens específicos e, assim, elegemos nossas/os MC, DJ, B-Boys, B-Girls e Rappers. O MC ficou responsável por organizar a roda e definir quem seriam as pessoas a se enfrentarem no meio. A vencedora era escolhida por aclamação do restante do grupo. Nas nossas investigações descobrimos a identidade do grupo como algo super importante, a *crew*, como é chamada a família hip hop, tem estilo de dança, de rap e graffiti próprios. Com isso, surgiu a proposta de escolher um nome para *crew* do 4º B. A turma escolheu “Os Terríveis do 4º B”, fazendo alusão ao seu estereótipo na escola.



Propus a assistência de um episódio da animação *Irmão do Jorel*, em que há uma batalha de rap entre as personagens.



No decorrer da tematização, descobrimos que o coordenador pedagógico Gabriel é grafiteiro e o convidamos para um bate-papo a respeito da cultura hip hop. Ele nos trouxe o conceito de graffiti bomb, e propôs ao grupo a produção de seus próprios graffitis com a identidade do grupo, ou seja com seus nomes e o nome da crew, primeiramente em folhas de desenho, com lápis de cor e canetinha, depois com tinta guache.

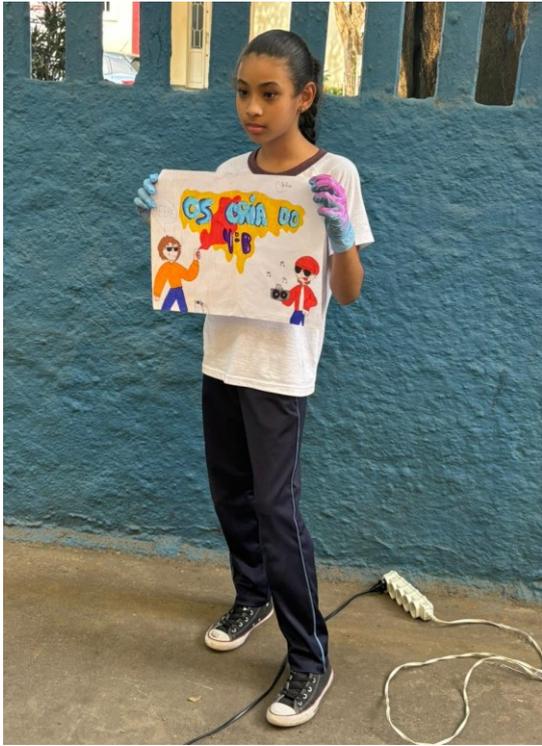




Concomitantemente, na tentativa de validar as propostas para as aulas de Educação Física, convidei a Coordenadoria Pedagógica da SME-SP a visitar a escola e conhecer a tematização em curso. Compareceram no dia em que o Gabriel finalizava os trabalhos. Fizemos uma roda de breakdance e confeccionamos um painel com um graffiti, cujo nome da escola foi desenhado em letra bomb em papel craft com tinta spray.

A multiplicidade e complexidade das manobras realizadas pelas crianças surpreendeu as visitantes e a equipe de filmagem que as acompanhava. Durante a conversa fui questionada acerca do procedimento adotado para ensinar os passos à turma e a resposta simples e direta: “não ensinei, elas já sabem”. Não me referi apenas aos saberes contidos nas linguagens escritas e orais, mas principalmente à linguagem corporal, que nesse caso nos comunica a potência das crianças conseguirem conectar gestos de práticas corporais como capoeira, ginástica, skate, parkour e lutas, em uma dança, produzindo o breakdance d’Os Terríveis do 4ºB.







O contrato, a quebra e a décima quinta chance

Embora as crianças estivessem envolvidas nas propostas até aqui, a interrupção do *parkour* causava desconforto sendo recorrente o pedido de retomada. Para tanto, fizemos um combinado em formato de contrato, condicionando a volta do *parkour* à melhora no comportamento da turma. Apesar dos conflitos em outubro serem infinitamente mais suaves que os de março, ainda havia muita violência e essa foi uma das formas encontradas para mostrar-lhes a relação causa-consequência. Obviamente, a turma quebrou o contrato.

Mesmo com o desrespeito à proposta, não fazia sentido continuar privando a turma do *parkour*, por isso, promovemos uma assembleia onde expressaram suas motivações para os conflitos e, a partir daí, decidimos concordar com uma das crianças: seria a “décima quinta chance” para o *parkour*. Começamos com a investigação de sua origem e sua relação com as forças armadas francesas. Descobrimos que o praticante de *parkour* não é *parkourista* e sim “*traceur*” ou “*traceuses*”, cuja pronúncia foi facilitada com a ajuda da professora Aline.

Cabe dizer que a décima quinta chance foi dada às crianças, mas avançamos para a décima sexta, sétima, oitava e assim por diante. Não desejávamos puni-las, mas de fazê-las entender a violência como algo a ser impugnado na escola e na sociedade. Praticamos o princípio da Não-Violência, pressupondo um aliançar, por meio do afeto, dando condições para se estabelecer uma cultura de paz na escola.

Após muito conversar, pausar, negociar, dançar e remar, voltamos à quadra com a proposta de realizar o *parkour*. Abri o armário de materiais de Educação Física e disponibilizei o necessário para os obstáculos dos percursos. E, mais uma vez, num sistema autogerido, as crianças se organizaram e propuseram dois percursos diferentes, montados coletivamente. Os

alambrados só poderiam ser utilizados se houvesse colchões por perto para minimizar o impacto em caso de queda.

Além da quadra, vivenciamos o parkour na sala de aula, utilizando as mesas e cadeiras como obstáculos, nesses momentos de aula em sala, era permitido subir no armário de alvenaria.



A força do afeto na transformação dos olhares internos e externos

Ao longo de todo o ano, percebi uma mudança absurda na turma. Refletindo sobre as motivações para tal, inferi ser o afeto o fio condutor mais importante dessa transformação. A turma tem como regente uma professora que proporciona a escuta, prioriza a mediação de conflitos de maneira dialógica, propõe momentos de reflexão das atitudes, amplia os repertórios das crianças e não se atém apenas a dar conta do conteúdo. Além disso, ela se mostra totalmente afetuosa e preocupada com as vulnerabilidades apresentadas pelas crianças, buscando estabelecer relações com as famílias e com as demais integrantes do corpo docente.

A proposta de assembleias, as diversas intervenções realizadas pela gestão, as mediações de conflitos, as ações e discussões a respeito da violência física, psicológica e sexual, tudo isso proporcionou a produção de uma outra identidade coletiva do 4º B. As cenas de cotoveladas deram lugar ao enaltecimento das conquistas das crianças com mais dificuldades de se expressar. O que não é pouco.

O olhar docente para as potencialidades discentes proporciona o empoderamento das crianças, uma melhora na autoestima e no senso de pertencimento e coletividade. A turma preterida da escola se tornou um exemplo a ser seguido. Os conflitos não cessaram, mas diminuíram. Os resultados da tematização foram diversos, densos e complexos, assim como a turma o é. As aventuras com “Os Terríveis do 4º B” se encerram com um sentimento de querer mais, de esperar mais e de admiração e carinho absurdos por uma turma de renegados.



*Tudo, tudo, tudo que nós tem é nós
Tudo, tudo, tudo que nós tem é
Cale o cansaço, refaça o laço
Ofereça um abraço quente
A música é só uma semente
Um sorriso ainda é a única língua que todos
entende’.*

(Principia, Emicida)